

# Tarefas e limites da psicologia da religião: uma perspectiva dialogal<sup>1</sup>

## Tasks and limits of psychology of religion: a dialogical perspective

*Michael Utsch \**

### Resumo

---

Neste artigo o autor constata que no contexto de fala alemã o diálogo entre Teologia (religião) e Psicologia é marcado por um ceticismo recíproco. Esse fato incide desfavoravelmente sobre a Psicologia da Religião. Sustenta que a pesquisa da influência da religiosidade pessoal sobre a vida anímica é uma área genuína desta disciplina. Não obstante a constatação de uma falta de interesse pelo estudo sobre religiosidade e espiritualidade, vê sinais incipientes de um recomeço, uma vez que no início do século vinte a Psicologia da Religião de língua alemã ocupava um lugar de destaque. Constata também que ocorre um maior envolvimento da Teologia com a Psicologia do que o contrário. Aventa diversas razões para o fenômeno, entre as quais, destaca o fato de que experiências espiritual-religiosas se retraem à análise através do método científico. Constata ainda que Teologia (religião) e Psicologia se tornaram concorrentes na disputa pela alma humana. Sustenta que é fundamental traçar um limite claro entre um tratamento de cura psicológico, com o objetivo do reestabelecimento da saúde psíquica, e uma hermenêutica da vida, fundamentada religioso-cosmovisivamente, com o objetivo de fomentar uma autoconfiança existencial. Propõe possibilidades de

---

<sup>1</sup> Recebido em: 18/02/2013. Aprovado em: 26/04/2013.

Título original: M. UTSCH. "Aufgaben und Grenzen der Religionspsychologie: Eine dialogische Perspektive". In: *Praktische Theologie* 35/2 (2000), S. 97-107). Texto traduzido e proposto para publicação por Dr. Sidnei Vilmar Noé, mediante consentimento expresso do autor.

\* Michael Utsch é psicólogo clínico e psicoterapeuta. Doutor em Psicologia com a tese "Características fundamentais da psicologia da religião científica". Livre-docente na Faculdade de Teologia da Universidade Humboldt em Berlim.

colaboração, no sentido de que as questões relativas ao sentido e aos valores sejam de competência da Filosofia e da Teologia e que a tradução destes na realidade da vida concreta seja tarefa da Psicologia. Assim seria possível estabelecer uma relação dialogal entre uma antropologia paradigmática e uma empiria crítica.

---

**Palavras-chave:** *Psicologia da religião, teologia, psicologia.*

---

## Abstract

The following paper's main finding is that in the German-speaking context the dialogue between theology (viz. "religion") and psychology is marked by mutual skepticism. This fact has had an unfavorable impact on the psychology of religion. This notwithstanding, the research on the influence of personal religiosity on the soul's life is taken to be a genuine area of this discipline. And although a lack of interest for the study of religiosity and spirituality is widely perceived, there are incipient signs of a new beginning. In part these are due to the fact the already in the early 20th century German-speaking psychology of religion occupied a very central position. At present the paper verifies a more significant involvement of theology with psychology than the other way around. Among the possible various reasons for this phenomenon, a major one might be traced back to the fact that spiritual/religious experiences resist to analysis by the scientific method. Furthermore, the claim is made to the effect that theology (viz. "religion") and psychology have by now entered some sort of dispute over the human soul. Not least because of that, a fundamental need arises to draw clear limits between treatments which pursue psychological cure, aiming at the reestablishment of psychological health, and a hermeneutics of life which relies on a religious or worldview basis, aimed at the promotion of existential self-confidence. Finally the paper suggests possibilities of mutual cooperation. This basically takes shape in a model whereby those issues pertaining to meaning and values are handed over to the competence of theology and philosophy, while their translation to concrete life remains a task for psychology. In this way it would be possible to establish a dialogic relationship between a paradigmatic anthropology and empirical procedures.

---

**Key-words:** *Psychology of religion, theology, psychology.*

---

## Introdução

A jovem disciplina Psicologia especializou-se enormemente. Em sua fase inicial, dedicava-se à pesquisa dos fundamentos da percepção,

do pensar, do desenvolvimento e dos transtornos psíquicos. Nas últimas décadas, sua área de conhecimento e aplicação estendeu-se em direção a muitas outras inquirições. Praticamente em todas as áreas da vida – na economia, política e até no esporte – tem-se recorrido com sucesso hoje em dia ao conhecimento psicológico para a melhoria da comunicação de processos na área do trabalho e na moldagem das relações humanas. Especialistas em Psicologia aplicam os conhecimentos de sua disciplina em áreas de atividade muito diversificadas, como por exemplo, quando se trata de liderança, (re)aquisição da habilitação, prevenção de comportamento aditivo, otimização de estratégias de marketing ou diminuição da violência.

Em razão de disputas antigas e tipicamente “alemãs” em torno da relação entre conhecimento e fé, o diálogo entre Psicologia e Teologia somente aconteceu mediante hesitação e ceticismo recíproco. A Psicologia da Religião de fala alemã se ressentia deste fato até hoje (Utsch, 1998, p. 21s). Como, todavia, os fenômenos religiosos podem ser observados independentemente da cultura, idade, sexo ou escolaridade, a pesquisa psicológica pode investigar as reações psíquicas às vivências religiosas, respectivamente, os sentimentos, os pensamentos, as atitudes, as motivações e os comportamentos a estas associadas, bem como, relacioná-las a outros saberes.

## 1. Objetivos da Psicologia da Religião de caráter empírico

A psicologia da Religião ocupa-se com a descrição e classificação psicológica da realidade subjetiva da “religião”. Não está interessada no conteúdo “objetivo” de verdade, no sentido de uma prova da existência de Deus, mas, sim, pesquisa-se a vivência religiosa subjetiva e suas implicações sobre outros fatores psicológicos relevantes. Somam-se a estes, a capacidade de enfrentar o estresse, a doença ou as crises, o alcance do equilíbrio psíquico ou a vida em relações satisfatórias. A pergunta sobre a influência da religiosidade pessoal sobre estes aspectos é uma área de pesquisa genuína da Psicologia da Religião.

A Psicologia da Religião de caráter empírico pode também contribuir para uma melhor compreensão de fenômenos típicos da

atualidade. Desafios sociais atuais, como o diálogo das culturas e religiões, um crescente fundamentalismo ou tendências histriônicas, tendo em vista a virada do milênio (Utsch et al., 1999) podem ser mais bem enfrentados, quando o sentir, o pensar e a atitude religiosa de indivíduos e de determinados contextos forem descritos, analisados e interpretados a partir da Psicologia da Religião.

Coloca-se a questão: Por que a Psicologia da Religião no contexto de fala alemã ignorou por tanto tempo a vivência e o comportamento religioso? Se medirmos a importância da Psicologia da Religião de fala alemã na comparação internacional, destaca-se especialmente o fato de que até agora não foi criada nenhuma cátedra de Psicologia da Religião em uma faculdade de Ciências Sociais, como é o caso em muitos outros países europeus. Enquanto nos Estados Unidos nada menos que onze (11) diferentes periódicos especializados de diferentes perspectivas psicológicas se ocupam com pesquisas sobre religiosidade e espiritualidade, o periódico “Arquivo de Psicologia da Religião” é editado a cada três ou quatro anos.<sup>3</sup> O Arquivo, todavia, trata da temática preferencialmente a partir da perspectiva da Ciência da Religião, da Pedagogia da Religião e da Filosofia da Religião e menos a partir de métodos e teorias da própria Psicologia da Religião.

Não obstante, aumentam os indícios de um renascimento da Psicologia da Religião de fala alemã, a qual já teve um auge no início do século vinte (Cf. Wulff, 1997, p. 524ss):

- Há alguns anos o “Grupo de Trabalho Psicologia da Religião”, sob a liderança do Prof. Moosbrugger de Frankfurt e do Prof. Straube em Jena tem apresentado novas pesquisas empíricas em congressos da “Sociedade Alemã para a Psicologia” (Cf. Popp-Baier, 1993; Moosbrugger, 1995);
- Em 1995 foi tematizada, pela primeira vez, a religiosidade a partir de uma perspectiva psicológica em uma obra de referência em Psicologia;<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Últimas edições: 1990 (Vol. 20), 1994 (Vol. 21) e 1997 (Vol. 22).

<sup>4</sup> A terceira edição do manual “Introdução à Psicologia do Desenvolvimento” de Oerter e Montada contém um capítulo sobre o desenvolvimento da religiosidade (Oser; Bucher, 1995).

- Psicólogos individualmente desenvolveram modelos sobre o significado e a função da religiosidade (Cf. Flammer, 1994; Tausch, 1996; Oerter, 1996);
- Sob uma perspectiva psicanalítica já existe uma série de monografias e artigos sobre o significado da religiosidade (Cf. Henseler, 1995; Zepf, 1996; Heigl-Evers, 1997; Bassler, 1999; Funke, 1999; Moser, 1999);<sup>5</sup>
- No “Dicionário da Psicologia da Religião” alemão ao menos cinco dos quarenta verbetes lexicais são tratados por professores de Psicologia (Cf. Benesch; Jüttemann; Keupp; Mertens; Selg). Todos os demais são de teólogos, o que não significa a emissão de um juízo de valor!
- No último ano (1999) foram publicados alguns trabalhos de Psicologia da Religião que refletem um pouco da diversidade e criatividade dos aportes psicológicos em relação ao fenômeno do religioso (Cf. Andritzky, 1997; Beile, 1998; Parlamento da Alemanha, 1998; Flosdorf, 1998; Murken, 1998; Nestler, 1998; Sommer, 1998);
- Em BadKissingen foi fundada a sociedade científica “Academia Alemã de Psicologia Transpessoal e Psicoterapia”. Ela deverá servir para o intercâmbio científico de pesquisadores e docentes que se ocupam com Psicologia Transpessoal.<sup>6</sup>

Deve-se avaliar como um avanço o fato de que, desde a revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em 1996, a categoria “Problemas religiosos ou espirituais” tenha sido

---

<sup>5</sup> Nesta enumeração eu ignorei os e as colegas psicanalistas que desde sua origem profissional são teólogos(as) (cf. para este fim Thierfelder, 1998 e Schubert, 1998!).

<sup>6</sup> Membros de destaque são os professores W. Belschner, K. Engel, P. Gottwald, H. Walach e E. Zundel. Cofundador é J. Galuska de BadKissingen, que dirige uma clínica especializada que segue uma concepção transpessoal. Em relação a concepções de pesquisa: Belschner e Galuska, 1999; Engel, 1998.

incluída. Este novo diagnóstico é atribuído quando perturbações no desenvolvimento e particularidades psíquicas têm sua origem em questões existenciais ou cosmovisivas. Com esta categoria, a medicina, pela primeira vez, leva a sério a especificidade da experiência religiosa e a distingue do contexto dos pensamentos alucinatorios. Até então somente existia a possibilidade de relacionar vivências religiosas ao conceito geral de alucinação. Esta nova categoria documenta algo a respeito de uma forma neutra de lidar com este campo e respeita a especificidade da experiência espiritual.

É necessário aguardar, todavia, se estas tendências dignas de nota terão uma influência permanente e culminarão em uma definição na direção de que religião e espiritualidade constituem de fato um ramo de pesquisa legítimo da Psicologia. Uma causa essencial para a situação desalentadora em que se encontra esta área do saber reside na praticamente já “típica” falta de interesse pessoal da parte dos psicólogos pela religiosidade. Em uma enquete realizada entre 177 pesquisadores alemães da ciência psicológica, distribuídos em 14 faculdades de Psicologia, 59% dos entrevistados afirmaram desconhecer qualquer pesquisa científica em Psicologia sobre a religiosidade (Petersen, 1993, p. 8.). Somente através da linha de pesquisa em Psicologia Transpessoal, esta situação começou a mudar nos últimos anos.

No passado foram os teólogos que principalmente se ocupavam com a psicologia da religiosidade na Alemanha. De forma construtiva, foram aplicadas noções psicológicas à teoria e práxis teológica (Leve-se em conta, por exemplo, Theissen, 1983; Bucher, 1992 ou Morgenthaler, 1999). Especialmente conhecimentos psicanalíticos foram assimilados e adaptados de modo construtivo na teoria da poimênica.<sup>7</sup> Uma pesquisa recente realizada em centros de aconselhamento eclesiais (Cf. Schubert et al., 1998) confirma, de maneira impressionante, o alto potencial existente para uma colaboração construtiva entre Teologia Prática e Psicologia (do Profundo). Mesmo assim, Berkel (Berkel, 1984, p. 199) aponta com

<sup>7</sup> Cf. Scharfenberg, 1990, de forma crítica a respeito Karle, 1998; recentemente de forma estimulante Thierfelder, 1998.

razão para o desequilíbrio existente no fato de que “da parte da Teologia já foi realizado um trabalho prévio respeitável para esta colaboração, enquanto que a resposta da Psicologia ainda não tenha sido dada”. Coloca-se a questão: por que a Psicologia não reage ou, quando responde, o faz de forma quase inaudível?

Em razão de seu caráter essencialmente irracional, a espiritualidade humana representa um dos últimos mistérios psicológicos e uma das poucas dimensões ainda desconhecidas da, de modo geral, já exaustivamente analisada e estruturalmente captada, vida da alma humana. O teólogo Hans Küng caracterizou a religião como sendo o último tabu da Psicologia, cujo significado é reprimido e é tratado de forma parecida como se tratou a sexualidade na era vitoriana (Küng, 1987, pp. 111ss). Sob uma perspectiva psicanalítica, a análise das associações, fantasias e emoções relacionadas às vivências espiritual-religiosas, é imprescindível. O conhecido psicanalista Tilmann Moser (1976, p. 26.) aponta para o fato de que “o rechaço ou o abuso de sentimentos ‘sagrados’ deixa para trás uma dor e uma vergonha... que tornam mais difícil o falar sobre estes problemas hoje em dia, do que falar sobre sexualidade ou transtornos de relacionamento”.

Em relação às experiências religiosas ou espirituais, vige entre psicólogos e psiquiatras uma grande indefinição e reserva sobre a forma acadêmica apropriada de lidar com estes fenômenos (Utsch; Lademann-Priemer, 1999). De acordo com levantamentos realizados, psiquiatras e psicólogos são, sobretudo, pessoas que possuem poucas relações com alguma religião ou que tenham algum credo próprio. Talvez isso tenha a ver com o fato de que, em virtude de sua profissão, necessitem encontrar explicações razoáveis para formas de comportamento incompreensíveis e incomuns. Com recurso a uma teoria da personalidade ou a um modelo de doenças psíquicas, eles tentam, enquanto especialistas, tornar compreensível e explicável um relato de um paciente ou, de forma geral, as vivências psíquicas e o comportamento. Experiências espiritual-religiosas se retraem, todavia, a qualquer explicação racional, porque uma parte essencial desta experiência – Deus ou uma realidade sobre-humana – escapa ao método de análise científico.

## 2. Teologia e Psicologia na disputa pela alma

Minha tese inicial sustenta que ignorância e suspeições recíprocas entre Psicologia e Teologia dificultaram um diálogo e com isso obstruíram o desenvolvimento da Psicologia da Religião na Alemanha.

Há muito tempo a Psicologia disputa com a Teologia o poder de interpretação sobre a natureza do ser humano, sua condição e suas possibilidades. A questão fundamental sobre a essência de se ser um ser humano – sua especificidade, suas chances de desenvolvimento e seu potencial de vida – até hoje ainda não foi respondida. Alguns veem o ser humano em consonância com Goethe, como “nobre, solícito e bom”; já outros, com Darwin, como uma fera, como um animal humano, que pode se tornar um lobo para a sua própria espécie. Ser um ser humano permite uma miríade de variações – hoje em dia mais do que nunca: ser prefeito, aos 35 anos; estudante, aos 60; muçulmano alemão ou uma missionária entusiasta das Testemunhas de Jeová.

O que é o ser humano, respectivamente, o que este pode vir a ser, depende dos pressupostos de caráter perspectivo. Ele ou ela veem o ser humano sob um pressuposto teológico enquanto imagem de Deus, como convidado a uma parceria com o Criador, somente “um pouco menor que um anjo” e dotado de competência administrativa? Ou, sob uma ótica psicológica, são acentuadas as influências do meio, problematizadas a socialização e os genes e o ser humano é concebido enquanto “destino das pulsões”, que parece refém de suas necessidades? Esta contraposição exagerada evidencia em que medida imagens de ser humano distintas, enquanto determinantes antropológicas, influenciam as concepções sobre a pessoa humana.

Desde sempre a “alma” humana foi considerada misteriosamente hermética, um enigma desafiante e capaz de proporcionar surpresas espantosas. Modelos teológicos e psicológicos em reiteradas tentativas buscaram estabelecer afirmações precisas e gerais sobre a “verdadeira realidade” de se ser um ser humano ou para tentar desvendar o núcleo pessoal por detrás de todas as manifestações e peculiaridades: se este deve ser entendido preferencialmente em sentido teológico, enquanto “identidade do pecador” (Cf. Schneider-Flume, 1985) ou

mais apropriadamente, em sentido psicológico, como “etapas de desenvolvimento do si-mesmo” (Kegan, 1996):

Suspeitas da Psicologia em relação à Teologia poderiam ser levantadas no sentido de que a perspectiva teológica pouco considera as dimensões da sensualidade e da corporeidade da alma e que provoca doenças compulsivas por causa de suas ideias morais rígidas e ingênuas. Já suspeitas da Teologia em relação à Psicologia foram formuladas, por exemplo, no sentido de que lá ocorreria sistematicamente um culto ao próprio ego (Vitz, 1994). A autorrealização a qualquer preço e o autoenamoramento narcisista, entretanto, não fazem jus à verdadeira determinação do ser humano, que é a de encontrar-se a si mesmo no outro.

A relação entre Psicologia e Religião<sup>8</sup> se apresenta de maneira tão conflituosa, porque ambas as disciplinas oferecem instruções e sugestões concretas para o planejamento da vida. O elevado número de publicações não acadêmicas sobre temas psicológicos e religioso-espirituais confirma esta constatação. Isto, entretanto, provocou uma relação de concorrência entre ambas, que, metaforicamente falando, se parece com aquela entre um casal que brigou. Sob a premissa de que existe algo como uma realidade super-anímica, não explicável e impossível de ser apreendida através do método das ciências naturais, alma e espírito precisam estar juntos e formam, como um par antípoda, a unidade psicoespiritual do ser humano (Utsch, 1998, pp. 42ss).

Se antigamente o primado do espiritual definia o cotidiano – o ser humano imaginava-se abrigado no “colo” da Igreja –, hoje em dia a Psicologia assumiu a tarefa em relação à “promessa de vida”. A relação entre Psicologia e Teologia se apresenta de maneira tão conflituosa, porque está em jogo o protagonismo em relação à necessidade interpretativa e explicativa do cotidiano: Se um acontecimento é interpretado sob o viés psicológico-imanente ou, em sentido amplo, em uma perspectiva religioso-transcendente? Outras questões fundamentais de controvérsia, em relação aos ideais antropológicos distintos – dito de maneira contundente: “autorrealização” contra “discipulado” – representam a maior parte da “tensão de polaridades” na Psicologia da Religião.

---

<sup>8</sup> Aqui obviamente o autor se refere à Teologia, quando emprega o termo religião. (N.T.)

### 3. Uma perspectiva dialógica: tarefas de crítica à religião a partir da Psicologia – interpelações críticas à Psicologia a partir de uma perspectiva antropológica

Quais são as respostas que a Psicologia pode dar às questões existenciais? Se a existência de uma realidade super-humana (no além) for descartada, então a pergunta é desnecessária. Se, contudo, existir esta realidade, o espírito humano requer uma cosmovisão, que esclareça e defina a sua relação com esta realidade distinta. Não a Psicologia, mas concepções filosóficas e religiosas fornecem cosmovisões, que oferecem segurança ao indivíduo em uma totalidade imaginária. Concepções de tratamento psicoterápicas contêm muitas vezes um ideal antropológico irrefletido, o qual não é passível de ser fundamentado científico-empiricamente, mas somente cosmovisivo-filosoficamente. Por isso, é imprescindível estabelecer um limite claro entre um tratamento de cura psicológico, com o objetivo do reestabelecimento da saúde psíquica, e uma hermenêutica da vida, fundamentada religioso-cosmovisivamente, com o objetivo de fomentar uma autoconfiança existencial.

Especialmente em publicações de caráter científico-popular suscita-se a impressão de que a Psicologia pode dar respostas a todas as questões da vida. Seguramente, a Psicologia tornou a vida psíquica mais compreensível; isto é, o sentir, o pensar e o querer humano, a partir de uma pesquisa sistemática do desenvolvimento da personalidade; da criação de modelos explicativos diferenciados sobre as conexões entre emoção, cognição e motivação; ou ainda da análise de diferentes atitudes e comportamentos. Não obstante todos estes conhecimentos parciais deve-se ter a consciência de que o ser humano como um todo não pode ser explicado ou “interpretado”. Porque a cada raciocínio psicológico e a cada escola terapêutica subjaz uma imagem de ser humano, estabelecida sobre premissas de credo, e isto deveria ser refletido e documentado. De maneira airosa, a professora de Psicologia de Munique Thea Bauriedl sublinha

seu ponto de vista “sobre a relatividade das próprias convicções” através da seguinte pergunta retórica: Há de fato uma diferença tão expressiva, se se crê em conteúdos religiosos ou na Psicanálise?” (Cf. BauriedL, 1998).

Uma pesquisa realizada nos anos setenta do século vinte com curandeiros de diferentes culturas, xamãs e psicoterapeutas apontou para o fato de que, para um processo de aconselhamento e de cura ser bem sucedido, é decisiva a ocorrência de uma cosmovisão comum entre aquele que oferece e aquele que busca o tratamento (Cf. Frank, 1981). Como esta variável psicoterapêutica inespecífica é consensual (Jones, 1994, p. 196s), todo terapeuta deveria refletir e documentar seus pressupostos dependentes de sua compreensão antropológica. Esta informação adicional aos clientes poderia influenciar positivamente a sua escolha de terapeuta, pois uma cosmovisão parecida entre psicoterapeuta e cliente simplificaria o tratamento.

A Psicologia é uma ciência muito jovem, que recentemente completou um centenário de existência. Críticos já descrevem a pesquisa científica há anos como “Psicologia sem alma”, que teria perdido seu “objeto”, em troca de áreas de pesquisa parciais e altamente qualificadas. Diferentes sistemas psicológicos – tenham-se em mente, por exemplo, a Psicologia Experimental e a Psicanálise – até hoje se mostram impossíveis de serem integrados. O professor de Psicologia berlinense Gerd Jüttemann fala de uma “Psicologia sem identidade” que pode ser classificada a bel prazer entre ciência e dogmática de fé. Enquanto se atestou o “fim de um poder interpretativo” ao modelo explicativo psicanalítico, poderia se comprovar a existência de interesses corporativos na pesquisa psicoterápica fundamentada na terapia comportamental. Também a pesquisa psicológica depende de motivos epistemológicos e de compreensões antropológicas. O vácuo que se estabelece em razão das questões epistemológicas fundamentais não resolvidas é preenchido, hoje em dia, por preferências esotéricas modernas e exige urgentemente uma reflexão sobre os pressupostos, objetivos e compromissos de qualquer Psicologia.

Teorias psicológicas não podem ser formuladas sem embasamento em um modelo ou imagem de ser humano. Estas imagens de ser

humano, por sua vez, têm origens filosóficas ou teológicas. De modo pragmático-ilustrativo, o pesquisador americano da consciência Hampden-Turner (1996) distingue, em seu manual sobre a consciência humana, visões de ser humano fundamentadas histórico-religiosamente, existencial-psicanaliticamente, psicossocialmente, fisiologicamente, cibernética ou mitologicamente. As imagens de ser humano têm uma função importante: elas mediam uma orientação cosmovisiva e estabelecem uma relação que faz sentido entre o ser humano individual e o seu mundo.

Cada modelo psicológico transporta ideais antropológicos, mas que, por uma questão de honestidade, deveriam ser refletidos e comunicados. O crescente número de comissões de ética em institutos de formação psicológica e associações de classe faz jus a este fato e espera-se que com isto diminuam as manipulações sub-reptícias.

Psicologia – também a Psicologia da Religião – não pode responder a questões relativas ao sentido e aos valores. A sabedoria em relação a uma vida bem-sucedida somente pode ser mediada por uma cosmovisão. A vida será sentida como sendo plena, quando for possível a realização dos valores pessoais deduzidos de uma cosmovisão. Usar psicólogos como mediadores de valores e capazes de conferir sentido significaria superestimar suas capacidades. É a Filosofia e a Teologia que desenvolveram e que fornecem diferentes modelos de noções de valores e de sentido, assim como imagens de ser humano e de mundo.

Todos os modelos, todavia, não passam de uma utopia se não podem ser traduzidos em uma realidade de vida concreta. Objetivos e ideais cosmovisivos podem ser examinados através de um teste de realidade psicológico em relação à sua aplicabilidade e adequação pessoal. Para este exame, a Psicoterapia pode oferecer ajuda. Quando a Psicologia se torna ela mesma espiritual, ela perde a sua função crítica em relação à ideologia e, assim também, perde seu verdadeiro perfil.

Modelos “visionários”<sup>9</sup> sobre a construção de sentido humano procedem da Filosofia e da Teologia e têm lá a sua origem. Mas

---

<sup>9</sup> Literalmente: *visionäre Modelle*. O termo “visionários” certamente se refere a modelos que pressupõem uma visão (cosmovisão, visão de ser humano), ou seja, se fundamentam em determinados ideais, sonhos, utopias, desejos, esperanças... (N.T.)

todos os modelos continuam sendo utopias, se estes não podem ser traduzidos para a realidade de vida cotidiana. Neste processo de transferência, a Psicologia exerce uma contribuição decisiva, porque ela pode afirmar, sobre a base do conhecimento empiricamente adquirido acerca dos processos de desenvolvimento da personalidade, se uma “visão” tem chance de ser concretizada.

Por outro lado, a Psicologia depende de noções de finalidade, e construções de sentido visionárias podem servir de estímulo para o seu desenvolvimento. Neste sentido, é possível falar em uma complementação recíproca entre uma visão fundamentada cosmovisivamente e a possibilidade de sua concretização, a partir de uma análise psicológica. A tarefa primordial da Psicologia consistiria então na avaliação crítica dos modelos visionários, sob o critério da sua utilidade para o cotidiano e de sua coerência individual.

Um esboço psicológico somente pode desenvolver visões próprias com recurso a uma imagem de ser humano e a uma cosmovisão, pois a autocompreensão de uma ciência social empírica não pode fornecê-las. Se este ignorar esse fato, uma teoria científico-social se torna uma dogmática cosmovisiva.

Como corretivo, a Psicologia assume a importante tarefa de “aterrar” criticamente a dimensão da espiritualidade, que é muito propensa ao desenvolvimento de imagens a partir dos desejos, no sentido de avaliar as reais chances de concretização de uma “hipótese de enfrentamento da vida” deduzida de determinados ideais cosmovisivos. Através de estudos empíricos, ela pode examinar as relações existentes entre uma orientação de vida fundamentada cosmovisivamente e a satisfação com a vida psicologicamente verificável. A vida é sentida como plena quando é possível viver os valores pessoais deduzidos de uma cosmovisão. Estes objetivos e ideais podem ser examinados através de um teste de realidade psicológico em relação à sua real possibilidade de concretização.

Na interface entre um esboço paradigmático e o exame crítico de sua utilidade para o cotidiano, a Teologia e a Psicologia da Religião podem se complementar. De maneira semelhante, Rössler (1986, p. 99ss) constatou um interesse comum entre estas disciplinas. Seu ponto de partida é constituído a partir da constatação de que no cerne

da Psicologia da Religião se encontra a religião vivida do indivíduo, ou seja, a subjetividade religiosa. A “questão colocada a partir disso mal pode ser superestimada em relação à sua importância para a Teologia Prática: o interesse da Teologia Prática pelo ser humano individual precisa, sem sombra de dúvida, começar e terminar pelo interesse em sua religiosidade”. (Rössler, 1986, p. 101).

## Conclusão

Assim, descrevi uma relação dialogal entre uma antropologia paradigmática e uma empiria crítica. As seguintes teses permitem uma síntese retrospectiva:

- O conhecimento psicológico fornece auxílio para o enfrentamento de conflitos, saúde psíquica, trato do estresse, e desenvolvimento da personalidade.
- A sabedoria em relação a uma vida bem-sucedida somente pode ser intermediada por uma cosmovisão, porque ela interpreta as questões existenciais em relação ao sentido, culpa, acaso, finitude.
- A tarefa visionária da Teologia: ela aponta para o “algo mais” da fé, traça ideais antropológicos.
- A função crítica da Psicologia: Reflexão e avaliação das imagens antropológicas constitutivas, para que estas, enquanto utopias desumanas, não conduzam à “formação de seitas”. A Psicologia pode ajudar a transformar ideias visionárias em objetivos de desenvolvimento realistas; descrever características objetiváveis de uma forma bem-sucedida de planejamento da vida, como satisfação de vida, comportamento saudável e capacidade de enfrentamento do estresse; testar sabedorias cosmovisivas em relação à sua utilidade para o dia-a-dia.

## Referências Bibliográficas

- ANDRITZKY, W. *Alternative Gesundheitskultur*. Eine Bestandsaufnahme mit Teilnehmerbefragung. Berlin: Verlag für Wissenschaft und Bildung, 1997.
- BASSLER, H.(org.). *Psychoanalyse und Religion*. Stuttgart: Kohlhammer, 2000.
- BAURIEDL, T. Von der Relativität der eigenen Überzeugungen. In: KUTTER, et al. (org.). *Weltanschauung und Menschenbild*. Einflüsse auf die psychoanalytische Praxis, (S. 103-142). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998.
- BEILE, H. *Religiöse Emotionen und religiöses Urteil*. Eine empirische Studie über Religiosität bei Jugendlichen. Ostfildern: Schwabenverlag, 1998.
- BELSCHNER, GALUSKA, J. Empirie spiritueller Krisen. *Zeitschrift für Transpersonale Psychologie und Psychotherapie* 5, 78-94, 1999.
- BERKEL, K. Theologie. In: H.E. LÜCK (org.). *Geschichte der Psychologie in Schlüsselbegriffen* (S. 195-201). München: Urban & Schwarzenberg, 1984.
- BUCHER, A.A. *Bibelpsychologie*. Stuttgart: Kohlhammer, 1992.
- DEUTSCHER BUNDESTAG (org.). *Neue religiöse und ideologische Gemeinschaften und Psychogruppen*. Forschungsprojekte und Gutachten der Enquete-Kommission. Hamm: Hoheneck, 1998.
- DUNDE, R.(org.). *Wörterbuch der Religionspsychologie*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1993.
- ENGEL, K. Meditation Research Network. Entwurf eines Forschungsprojekts. *Jahrbuch des Europäischen Collegiums für Bewusstseinsstudien* 1997, S. 85-94. Berlin: Verlag für wissenschaft und Bildung, 1998.
- FLAMMER, A. Mit Risiko und Ungewißheit leben. Zur psychologischen Funktionalität der Religiosität in der Entwicklung. In: G. KLOSINSKI (org.). *Religion als Chance oder Risiko* (S. 20-34). Bern: Huber, 1994.
- FLOSDORF, B. *Berufliche Belastung, Religiosität und Bewältigungsformen*. Eine qualitative Untersuchung von Burnout und Sinnfragen bei Ordensschwestern in der Caritas. Würzburg: Echter Verlag, 1998.
- FUNKE, D. Jenseits von Heilung: Psychotherapie als Religion? In: H. KOCHANEK (org.). *Ich habe meine eigene Religion* (S. 45-81). Düsseldorf: Benziger, 1999.

FRANK, J. D. *Die Heiler*. Wirkungsweisen psychotherapeutischer Beeinflussung vom Schamanismus bis zu den modernen Therapien. Stuttgart: Klett-Cotta, 1981.

HAMPDEN-TUNER, C. *Modelle des Menschen*. Ein Handbuch des menschlichen Bewußtseins. Weinheim: Beltz, 1996.

JONES, S. L. A constructive relationship for religion with the science and profession of psychology. *American Psychologist* 49(3), S. 184-199, 1994.

KNOBLAUCH, H.; KRECH, V.; WOHLRAB-SAHR, M. (org.). *Religiöse Konversion*. Systematische und fallorientierte Studien in soziologischer Perspektive. Konstanz: Universitätsverlag, 1998.

KEGAN, R. *Die Entwicklungsstufen des Selbst*. München: Kindt, 1986.

KÜNG, H.B. *Freud und die Zukunft der Illusion*. München: Piper, 1987

MOOSBRUGGER, H. Religionspsychologie. In: K. PAWLIK (org.). *Bericht über den 39. Kongreß der Deutschen Gesellschaft für Psychologie in Hamburg 1994* (S. 832-834). Göttingen: Hogrefe, 1995.

MORGENTHALER, C. *Systemische Seelsorge*. Impulse der Familien- und Systemtherapie für die kirchliche Praxis. Stuttgart: Kohlhammer, 1999.

MOSER, T. *Gottesvergiftung*. Frankfurt a/M.: Suhrkamp, 1976.

MOSER, T. Von der Gottesvergiftung zum erträglichen Gott. In: H. SCHMOLL (org.). *Kirche ohne Zukunft?* (S. 13-35). Berlin: Ullstein, 1999.

MURKEN, S. *Gottesbeziehung und seelische Gesundheit*. Die Entwicklung eines Modells und seine empirische Überprüfung. Münster: Waxmann, 1998.

NESTLER, E. *Pneuma*. Außeralltägliche religiöse Erlebnisse und ihre biographischen Kontexte. Konstanz: Universitätsverlag, 1998.

OERTER, R. Was ist Religiosität, und warum entwickelt sie sich? In: F. OSER & H. REICH (org.). *Eingebettet ins Menschsein: Beispiel Religion* (S. 23-40). Lengerich: Pabst, 1996.

OSER, F. & BUCHER, A. Religion – Entwicklung – Jugend. In: R. OERTER & L. MONTADA (org.). *Entwicklungspsychologie. Ein Lehrbuch* (S. 1045-1055). 3., überarbeitete und erweiterte Auflage. Weinheim: Psychologie-Verlags-Union, 1995.

PETERSEN, K. *Persönliche Gottesvorstellungen*. Empirische Untersuchungen / Entwicklung eines Klärungsverfahrens. Ammersbek: Verlag an der Lottbek, 1993.

POPP-BAIER, U. Die Stellung der Religionspsychologie in der deutschsprachigen Psychologie: Positionen, Probleme, Perspektiven. In: L. MONTADA (org.). *Bericht über den 38. Kongress der Deutschen Gesellschaft für Psychologie in Trier 1992*. Bd. 2 (S. 255-265). Göttingen: Hogrefe, 1993.

RÖSSLER, D. *Praktische Theologie*. Ein Grundriß. Berlin: DeGruyter, 1986.

SCHNEIDER-FLUME, G. *Die Identität des Sünders*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1985.

SCHUBERT, H.; KINZINGER, W.; LÜCKE-JANSEN, H.; SCHNEIDER, B.; SCHRÖDTER, W.; VOGELMANN, W. *Von der Seele reden*. Eine empirisch-qualitative Studie über psychotherapeutische Beratung in kirchlichem Auftrag. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner Verlag, 1998.

SOMMER, R. *Lebensgeschichte und gelebte Religion von Frauen*. Eine qualitativ-empirische Studie über den Zusammenhang von biographischer Struktur und religiöser Orientierung. Stuttgart: Kohlhammer, 1998.

TAUSCH, R. Einsichten und seelische Vorgänge beim religiösen Glauben und bei christlich-ethischen Botschaften. In: M. SCHLAGHECK (org.). *Theologie und Psychologie im Dialog über die Frage nach Gott* (S. 63-104). Paderborn: Bonifatius, 1996.

THEISSEN, G. *Psychologische Aspekte paulinischer Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

THIERFELDER, C. *Gottes-Repräsentanz*. Kritische Interpretation des religionspsychologischen Ansatzes von Ana-Maria Rizzuto. Stuttgart: Kohlhammer, 1998.

TYRELL, H.; KRECH, V.; KNOBLAUCH, H.(org.). *Religion als Kommunikation*. Würzburg: Egon Verlag, 1998.

UTSCH, M. *Religionspsychologie: Voraussetzungen, Grundlagen, Forschungsüberblick*. Stuttgart: Kohlhammer, 1998.

UTSCH, M. „Y2K“ - Millenniumsängste aus psychologischer Sicht. *Materialdienst der EZW* 61(12), S. 319-330, 1999.

UTSCH, M., LADEMANN-PRIEMER, G. *Zwischen Himmel und Hölle. Wege aus spirituellen Krisen*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1999.

VITZ, P. *Der Kult ums eigene Ich*. Psychologie als Religion. Giessen: Brunnen, 1994.

WULFF, D. M. *Psychology of Religion: Classic and Contemporary* (2nd ed.). New York: John Wiley & Sons, 1997.